

A Parábola das Virgens na espiritualidade medieval

Um dos mais célebres dramas do teatro religioso medieval é o *ludus* intitulado *Sponsus* ou *Drama das Virgens Prudentes e das Virgens Loucas*, escrito no séc. XI na região de Limoges. Gustave Cohen classifica-o, em razão de certa independência já da celebração litúrgica, nomeadamente pela utilização parcial da língua vernácula, na categoria de *semi-litúrgico*¹. Karl Young, tendo em atenção o assunto abordado, coloca-o no grupo, aliás reduzido, dos dramas *escatológicos*².

A Parábola das Virgens (*Math. 24, 1-13*)³ é de todas as parábolas do Evangelho a que maior influência exerceu na espiritualidade da Idade Média. As razões deste atractivo geralmente apresentadas são o seu carácter escatológico e o pavor da sensibilidade medieva perante o Juízo Universal, tantas vezes representado no pórtico das catedrais. Esta interpretação não corresponde inteiramente ao factos. A Idade Média deu à Parábola das Virgens interpretação bem mais profunda. Ela resume, em certa medida, toda a mensagem do cristianismo, que é um mistério de amor pelos homens, e concretiza a esperança cristã da revelação total do mistério, com a vinda de Cristo no fim dos tempos, para as núpcias eternas com a sua Igreja. Melhor que qualquer comentário falam estes versos do drama *Sponsus*, cantados pelo coro, no início da representação:

Adest sponsus, qui est Christus, vigilate Virgines
Pro adventu cuius gaudent et gaudebunt homines.
Venit enim liberare gentium origines,
Quas per primam sibi matrem subjugarunt daemones.
Hic est Adam qui secundus per prophetam dicitur,
Per quem scelus primi Adae a nobis diluitur.
Hic pependit ut celesti patriae nos redderet
Ac de parte inimici liberos nos traheret.
Venit Sponsus qui nostrorum scolorum piacula
Morte lavit atque crucis sustulit patibula⁴.

¹ G. COHEN, *Anthologie du drame liturgique en France au Moyen-Age*, Paris 1955, p. 259 sgs.

² K. YOUNG, *The Drama of the Medieval Church*, vol. II, Oxford 1933, p. 361 sgs.

³ Só o Evangelista S. Mateus relata esta parábola.

⁴ G. COHEN, *op. c.*, p. 265.

O teatro é o reflexo da vida, neste caso, da vida litúrgica. O objectivo destas páginas é explanar a influência exercida pela Parábola das Virgens em certos aspectos da vida litúrgica medieval. A amplitude do tema não permite abordar todos os assuntos num simples artigo. Escolhemos por isso três pontos concretos, que nos pareceram os mais significativos: a *dramatização* da procissão das velas na solenidade do dia 2 de Fevereiro; a *ritualização* da vela acesa no cerimonial do baptismo; e um caso específico da *eucologia* medieval, as bênçãos episcopais.

A redacção de textos litúrgicos, e sobremaneira a criação de novos ritos, pressupõe uma visão nova do mistério cristão e determinada vivência espiritual da liturgia. Neste caso, não é a liturgia que informa a vida espiritual, mas a espiritualidade que dita as formas litúrgicas. Eis porque preferimos falar, no título deste trabalho, de espiritualidade, a falar de liturgia medieval.

A festa das Candeias

A solenidade do dia 2 de Fevereiro consta de três elementos rituais distintos: a festa propriamente dita; a procissão; e a bênção das velas.

A *festa* é de origem oriental e foi introduzida em Roma, por influência bizantina, no decurso do séc. VII⁵. Ao mesmo tempo solenidade do Senhor e festa mariana, celebra, quer o *Encontro* do Menino Jesus no templo com Simeão⁶, quer a *Purificação* de Nossa Senhora⁷.

Quanto à *procissão*, há uma série de problemas sobre a sua origem e conexão com a festa que não estão ainda historicamente resolvidos. Será anterior à festa? Qual o motivo da sua instituição? Seria primitivamente uma procissão de velas? Em que altura e por que razão foi fixada no dia 2 de Fevereiro? Uma coisa parece estar fora de dúvida: o seu carácter penitencial na pura tradição romana. O mais antigo documento a descrevê-la, o Ordo XX de Andrieu,

⁵ Mais três festas marianas, também de origem oriental, foram introduzidas em Roma durante o séc. VII: Anunciação, 25 de Março (igualmente considerada festa do Senhor); Assunção, 15 de Agosto; e Natividade, 8 de Setembro. A primitiva e única festa de Roma em honra de Nossa Senhora até esta data era a do dia 1 de Janeiro, oitava de Natal, destinada a celebrar a maternidade divina de Maria.

⁶ Daí o título de *Ypapanti* que o *Sacramentário Gregoriano* lhe dá; e o título um tanto estranho de certos *Antifonários*: *Natale sancti Symeonis*.

⁷ É este o título do *Sacramentário Gelasiano* e de alguns *Antifonários*.

diz-nos que o Papa e os ministros sagrados levam paramentos negros,⁸ costume este garantido por documentos dos séculos seguintes⁹. No século XII, o chamado *Liber Pollicitus*, Ordo XI de Mabillon¹⁰, afirma que o Papa vai descalço na procissão, e tal tradição é confirmada por um sacramentário papal do séc. XIII (Madrid, B. N. ms. 730, fol. 116-117), prevendo que no fim da procissão, ao chegar descalço a Santa Maria Maior, o Papa lavará os pés em água quente!

Com a expansão da liturgia romana ao Norte dos Alpes, a procissão das velas vai ser reinterpretada, pelo menos em certas regiões, em sentido simbólico, e significará a caminhada das Virgens prudentes do Evangelho ao encontro do Esposo.

O primeiro documento estritamente litúrgico¹¹ a expressar este simbolismo é um pontifical inglês do séc. X (Paris, B. N. ms. lat. 943), de que mais adiante falaremos, numa rubrica que explica:

His finitis, accensis luminaribus materialibus, in cordibus nostris amore Christi ardentibus, in obuiam Christo uero sponso ecclesiae uenturi sperantes, uerum lumen a quo inluminamur confitentes, ternis trino antiphonis collectisque laudato et in sinibus ecclesiae fidelium accepto congratulantes, missae sollempnia donec finiantur expectemus.

Quibus finitis, sicut qui uera lux est lumen perseuerat, sic irradiati sanctarum lumine uirtutum, materiali et exteriori extincto et in usum tantummodo ecclesiae reseruato, perseueremur.¹²

O mesmo simbolismo aparece depois em certas orações e antifonas, que a seguir examinaremos.

⁸ M. ANDRIEU, *Les Ordines Romani du Haut Moyen Age*, tom. III, Louvain 1951, pp. 235-236.

⁹ Por exemplo o Ordo L, dos meados do séc. X: M. ANDRIEU, *op. c.* tom. V, p. 90; e uma série de documentos do séc. XIII: S. J. P. VAN DIJK — J. HAZELDENWALKER, *The Origins of the Modern Roman Liturgy*, Londres 1960, p. 500.

¹⁰ *PL*, 78, 1037.

¹¹ O primeiro autor a falar do novo simbolismo é Amalário († 850), que explica:

... plebs uersa, cum sacerdotibus ac ministris

... per congrua urbis loca procedit ... in perenni regni caelestis memoria, quando, iuxta parabolam uirginum prudentium, omnes electi, lucentibus bonorum actuum lampadibus obuiam sponso ac regi suo uenientes, mox cum eo ad nuptias supernae ciuitatis intrabunt.

I. M. HANSENS, *Amalarii Episcopi Opera Liturgica Omnia*, tom. II, Città del Vaticano 1948, (*Liber Officialis*, I, III, XLIII, 2), p. 380-381.

¹² Paris, B. N. ms. lat. 943, fol. 105.

A *bênção* das velas e do lume é uma criação tipicamente medieval¹³. Em Roma nunca ninguém pensou em semelhante ritualização. Roma limitou-se a aceitar nos seus livros algumas destas composições. As primeiras surgem nos fins do séc. ix, princípios do século x¹⁴. Assistimos então a uma autêntica floração destas orações. Um inquérito organizado nesse sector permitiu-nos chegar ao conhecimento de cerca de 60 textos diferentes desta natureza. Uma boa parte destas composições, sobretudo as de origem germânica, têm nítido carácter de exorcismo; outras falam do simbolismo da luz; só algumas, três ao todo, se referem ao novo simbolismo das velas e da procissão, aproximando-a da Parábola das Virgens. São esses textos que passamos agora a analisar.

As orações

O mais antigo texto eccológico a fazer referência clara à Parábola das Virgens, na solenidade do dia 2 de Fevereiro, é o seguinte:

Quesumus omnipotens Deus tua nos protectione custodi,
et castimoniam mentibus nostris atque corporibus, intercedente
beata Maria, propitiatus indulge, ut ueniente sponso Filio tuo
unigenito, accensis lampadibus nostris, dignum prestemus occur-
sum. Per eundem.

Antes de breve comentário sobre a história e utilização litúrgica desta oração, vejamos os documentos em que aparece, para maior clareza de exposição:

Montpellier, Bibl. Faculté de Médecine, ms. 399, fo. 133 v.
Pontifical de Paris. Séc. XIII, princípios ou 1.^a metade.

Paris, B. N. ms. lat. 819, fol. 25.
Sacramentário dum mosteiro da região de Liège. Séc. XI.

¹³ A liturgia hispânica possuía já, pelo menos desde o séc. VII, textos de bênção do lume na Vigília pascal. Estes textos foram utilizados mais tarde, no contexto da liturgia medieval, para a bênção do lume na solenidade das Candeias.

¹⁴ Um ritual *completo* de bênção das velas comporta duas bênções distintas: a bênção do lume, isto é, do lume novo para acender as velas, ou então das velas já acesas; e a bênção das velas ou da cera propriamente dita. Os rituais completos são poucos.

Paris, B. N. ms. lat. 862, fol. 269.

Missal de Paris. Séc. XIII, 1.^a metade.

Paris, B. N. ms. lat. 943, fol. 104 v.

Pontifical de Sherborne. Séc. X, fins.

Paris, B. N. ms. lat. 1112, fol. 162 v.

Missal de Paris. Séc. XIII, 1.^a metade.

Paris, B. N. ms. lat. 9436, fol. 78.

Missal de St-Denis. Séc. XI, meados.

Paris, B. N. ms. lat. 15615, fol. 255 v.

Missal de Paris. Séc. XIII, meados.

Paris, B. N. ms. lat. 17335, fol. 122.

Pontifical de Noyon. Séc. XIII, meados ou fim.

Paris, Bibl. Ste-Geneviève, ms. 99, fol. 100.

Missal de Senlis. Séc. XIII, 1.^a metade.

Le Havre, Bibl. Mun. ms. 330.

Missal de New Minster. Séc. XII, princípios.

Ed. D. H. TURNER, *The Missal of New Minster — Winchester*, Henry Bradshaw Society, Vol. XCIII, London 1962, p. 70.

Rouen, Bibl. Mun. ms. 274 (Y. 6).

Sacramentário de Winchester. Séc. XI.

Ed. H. A. WILSON, M. A., *The Missal of Robert of Jumièges, Bishop of London*, Henry Bradshaw Society, Vol. XI, London 1896, p. 159.

Esta lista é a dos documentos em que tal oração aparece enquadrada no ritual de bênção e procissão das velas no dia 2 de Fevereiro. O mais antigo é o Pontifical de Sherborne¹⁵, no Condado de Dorset,

¹⁵ Eis o esquema da procissão neste manuscrito: Paris, B. N. ms. lat. 943:

[Fol. 104 v.] *His peractis, canctur antiphona ad stationem sanctae Mariae: Haec gratia plena Dei genitrix.*

Sequitur oratio: Quesumus omnipotens Deus, tua nos protectione custodi, et castimonia mentibus ... [fol. 105] prestemur occursum. Per.

Sequitur antiphona haec: Adorna thalamum.

Oratio: Domine Iesu Christe, qui hodierna die in nostrae carnis substantia inter homines apparsens a parentibus in templo ... fideliter diligamus. Per.

Sequitur antiphona: Responsum accepit Symeon.

Postquam recitetur subsequens oratio: Perfice in nobis quesumus gratiam tuam, qui iusti Symeonis expectationem implesti ... uitam optineamus aeternam. Per.

His finitis, accensis luminaribus materialibus...

Inglaterra (Paris, B. N. ms. lat. 943), também chamado *Pontifical de S. Dustan*, em razão da Carta do Papa João XII, inserida no manuscrito (fol. 7-8), dirigida a este Santo, na altura arcebispo de Cantuária. Aparece ainda no contexto da festa da Purificação, mas como segunda oração *Ad complendum*, no *Sacramentário de Fulda do séc. x* (Göttingen, Bibl. da Universidade, Cod. Theol. 231)¹⁶. Daí o duplo problema, relativo à sua origem e função primitiva¹⁷. Onde teria sido redigido este texto: na Alemanha ou na Inglaterra? Qual o seu destino primitivo: a procissão das velas ou a missa da Purificação? Inclino-nos a pensar que esta composição é de origem inglesa, não por motivos de ordem paleográfica, pois estes dois documentos datam aproximadamente da mesma época¹⁸, mas por razões de ordem interna. O *Pontifical de Sherborne* é, com efeito, o mais antigo documento *litúrgico* a falar-nos expressamente, nas suas rubricas, como acima referimos¹⁹, do novo simbolismo da procissão das velas, interpretada como caminhada ao encontro do Senhor, à semelhança das Virgens da Parábola ao encontro do Esposo. Para exprimir ritualmente este sentimento, tornava-se necessário um texto litúrgico. Daí a redacção desta oração, introduzida exactamente no início da procissão. O argumento mais decisivo no entanto, para lhe atribuir uma origem inglesa, parece-nos ser a semelhança de vocabulário com a rubrica em questão. Assim: *accensis luminaribus materialibus* (rubrica) — *accensis lampadibus nostris* (oração); *in obuiam Christo uero sponso aeclesiae uenturi* (rubrica) — *ut ueniente sponso Filio tuo* (oração)²⁰. Importa não esquecer também que esta oração se encontra ainda em mais dois documentos ingleses: o chamado *Missal de Robert de Jumièges*, na realidade um *Sacramentário de Winchester*, do séc. xi; e o *Missal de New Minster*, do séc. xii. Pelo contrário, não aparece em nenhum outro documento alemão, facto um tanto estranho para a hipótese duma origem continental.

¹⁶ G. RICHTER — A. SCHÖNFERDER, *Sacramentarium Fuldense saeculi X*, Fulda 1912.

¹⁷ Com redacção diferente, esta oração aparece ainda, como *postcommunio*, em mais dois manuscritos: *Paris, Bibl. Mazarine, ms. 421, fol. 35* (missal utilizado em Breventec, de duas mãos, séc. xi e xiii) e *Reims, Bibl. Mun. ms. 304, fol. 57 v*.

¹⁸ O *Pontifical de Sherborne* foi copiado entre 960 e 998: V. LEROQUAIS, *Les Pontificaux manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, tom. II, Paris 1937, pp. 9-10; o *Sacramentário de Fulda* à volta de 975: K. GAMBER, *Codices Liturgici latini antiquiores*, Freiburg (Schweiz) 1963, p. 188.

¹⁹ Ver o texto da rubrica, acima transcrito.

²⁰ Há uma variante também muito significativa para o nosso propósito no *Sacramentário de Fulda*: ... *accensis lampadibus eius digni prestolemur occursum*, enquanto que todos os outros testemunhos dizem: ... *accensis lampadibus nostris dignum prestemus occursum*, o que parece indicar ter sido o texto primitivo retocado em Fulda, para o adaptar à nova função de *postcommunio*.

Apesar de ser a mais antiga composição a referir-se à Parábola das Virgens, esta oração teve reduzido sucesso. Os documentos em que nos aparece são poucos e a sua irradiação muito limitada, vindo mesmo a desaparecer completamente dos livros litúrgicos no fim do séc. XIII.

Para concluir a história desta oração, algumas observações se impõem ainda sobre as funções e lugar que ocupa na festa das Candeias. Nunca teve propriamente função de *bênção* das velas ou do lume, mas encontra-se sempre no cerimonial que se lhe segue: distribuição ou procissão das velas. Em Sherborne, como em St-Denis, e mais tarde em Paris (pelo menos nos manuscritos de Montpellier 399²¹ e Paris 862 e 15615²²), é a oração de conclusão da primeira série de antífonas cantadas no início da procissão. É certamente também esta a sua função em Liège²³ e Senlis, embora os manuscritos não sejam claros neste ponto. Em Winchester está colocada no fim da distribuição das velas, o que corresponde praticamente à mesma função de marcar o sentido espiritual da procissão.

A composição que vamos estudar a seguir tem para nós particular interesse, pois entre os diversos testemunhos, contam-se alguns manuscritos portugueses:

Deus ineffabilis potentie cuius Unigenitus¹ cum nostra humanitate hodierna die in templo est presentatus a Matre, benedicere dignare hos cereos in honore nominis tui consecratos, et concede, per intercessionem semper uirginis Marię, ut quicumque haec luminaria in² honore Filii tui domini nostri manibus gestauerint³, temporali pociantur sospitatem atque ubicumque istorum⁴ flamma fuerit accensa inmundorum spirituum repellat falsitatem, sicque mereantur perfrui temporali leticiae, quatenus obuiam sponso pergentes, lampadarum lumine splendentes ad nuptias ualeant intrare cum sponso gaudentes. Per.

- 1) hunigenitus *cod.* 2) ad? in? *palavra manchada de tinta*
3) gestauerunt *cod.* 4) historum *cod.*

Paris, B. N. ms. lat. 5251, fol. 45.

²¹ O ritual deste manuscrito é em tudo semelhante ao do *Pontifical de Sherborne*, com três séries de antífonas e orações, muito embora os textos nem sempre sejam os mesmos e o lugar das *Estações* seja diferente. A nossa oração ocupa o primeiro lugar.

²² O ritual destes dois manuscritos é igual ao precedente, mas não fala das *Estações*.

²³ O manuscrito Paris B. N. lat. 819 não fala na distribuição das velas. O ritual consta da bênção do lume (1 oração) e da bênção das velas (2 orações), a que se segue um grupo de mais três orações, das quais a nossa é a primeira. O mesmo acontece com o Missal de Senlis: Paris, Bibl. Sainte-Geneviève, ms. 99.

Atendendo ao grande número de documentos em que nos aparece esta oração, e para não alongarmos demasiado o nosso trabalho, citaremos só os testemunhos onde se encontra até ao séc. XII:

Albi, Bibl. Mun. ms. 3, fol. 13 v.

Ritual da Catedral de Albi. Séc. XII.

Albi, Bibl. Mun. ms. 5, fol. 24 v.

Sacramentário de Albi. Séc. XII, 1.^a metade.

Amiens, Bibl. Mun. ms. 155, fol. 127.

Missal de Corbie. Séc. XI.

Arouca, Bibl. do Museu, ms. 1, fol. 114.

Colectário e Ritual Cisterciense. Séc. XII, fins.

Avignon, Bibl. Mun. ms. 178, fol. 103 v.

Sacramentário dum Mosteiro da Narbona. Séc. XII.

Avignon, Bibl. Mun. ms. 220, fol. 20.

Sacramentário de St-Pierre d'Apt. Séc. XII.

Braga, Bibl. Mun. ms. chamado «Missal de Mateus», fol. 36 v.

Missal procedente do Sul da França. Séc. XII, 2.^o quartel.

Laon, Bibl. Mun. ms. 120, fol. 46 v. (86 v.).

Sacramentário de Laon. Séc. XII, 1.^a metade.

Madrid, B. N. ms. Vit. 20-8, fol. 74 v.

Sacramentário de Sahagún. Séc. XI, fins.

Montpellier, Bibl. Mun. ms. 18, fol. 27 v.

Sacramentário de Gellone. Séc. XI.

Montpellier, Bibl. Faculté de Médecine, ms. 314, fol. 71 v.

Missal de St-Etienne de Caen. Séc. XI, fins.

Montserrat, Bibl. do Mosteiro, ms. 815, fol. 73 v.

Sacramentário do Norte de Aragão. Séc. XII.

- Paris, B. N. ms. lat. 821, fol. 20 v.*
Sacramentário dum Mosteiro de Limoges. Séc. xi.
- Paris, B. N. ms. lat. 933, fol. 14 v.*
Colectário e Ritual de Lagrasse. Séc. xi, fins.
- Paris, B. N. ms. lat. 944, fol. 41.*
Pontifical e Colectário de Aurillac. Séc. xii, princípios.
- Paris, B. N. ms. lat. 1102, fol. 113.*
Sacramentário de Gerona. Séc. xii, último quartel.
- Paris, B. N. ms. lat. 2293, fol. 34 v.*
Sacramentário de Figeac utilizado em Moissac. Séc. xi.
- Paris, B. N. ms. lat. 2295, fol. 19.*
Sacramentário de Cahors (?). Séc. xii.
- Paris, B. N. ms. lat. 5251, fol. 45.*
Martirologio e Ritual de Limoges. Séc. x.
- Paris, B. N. ms. lat. 11589, fol. 84.*
Sacramentário do Mosteiro de St-Méen. Séc. xi.
- Paris, B. N. ms. lat. 12053, fol. 189.*
Missal de Lagny. Séc. xi.
- Paris, Bibl. Mazarine, ms. 404, fol. 142-142 v.*
Missal de Bayeux. Séc. xii, 1.^a metade.
- Poitiers, Bibl. Mun. ms. 40 (132), fol. 61.*
Missal da Colegiada de Sainte-Radegonde. Séc. xii.
- Porto, Bibl. Mun. ms. 1134, fol. 1.*
Pontifical de Braga. Séc. xii.
- Roma, Bibl. Vaticana, Arch. S. Pietro, ms. F 12, fol. 102.*
Sacramentário de origem monástica (Roma?). Séc. xi.
- Roma, Bibl. Vaticana, Barber. lat. 559, fol. 37 v.*
Missal de Lyon. séc. xii-xiii.
- Roma, Bibl. Vaticana, Barber. lat. 564, fol. 12.*
Missal de Auvergne. Séc. xii, princípios.

Silos, Bibl. do Mosteiro, ms. 8, fol. 62 v.
Sacramentário de Aurillac. Séc. XI.

Troyes, Bibl. Mun. ms. 440, fol. 110 v.
Missal Cisterciense. Séc. XII, último quartel.

Troyes, Bibl. Mun. ms. 894, fol. 157 v.
Missal de St-Père de Chartres. Séc. XII, 1.ª metade.

Vich, Museu Episcopal, ms. 71 (olim CXIX), fol. 23.
Missal de Vich. Séc. XII.

Carcassone, Museu Episcopal, ms. 21.
Sacramentário de Montolieu. Séc. XII, princípios.
Ed. parcial: A.-G. MARTIMORT, *Un sacramentaire de la région de Carcassone des environs de l'année 1100*, «Mélanges en l'honneur de Monseigneur Michel Andrieu», Palais Universitaire, Strasbourg 1956, p. 316.

Paris, B. N. ms. lat. 17333.
Pontifical e Sacramentário de Nevers. Séc. XI, 1.ª metade.
Ed. CROSNIER, *Sacramentarium ad usum ecclesiae Nivernensis*, Nevers 1874, p. 72.

Paris, B. N. ms. lat. 8898.
Ritual de Soissons. Séc. XII-XIII.
Ed. A. POQUET, *Rituale seu Mandatum insignis ecclesiae Suessionensis*, Paris-Soisson, 1856, p. 48.

Vich, Museu Episcopal, ms. 67.
Sacramentário de Ripoll. Séc. XI.
Ed. A. OLIVAR, *Sacramentarium Rivipulense*, Madrid-Barcelona 1964, p. 69.

Apesar do grande número de documentos a história desta oração é fácil de estabelecer²⁴. O mais antigo testemunho é o manus-

²⁴ Dedicámos já a esta composição um pequeno trabalho: *A oração «Deus ineffabilis potentis», «Theologica», I (1966), pp. 411-425; mas nessa altura não conhecíamos ainda a fonte mais antiga. Depois tivemos ainda a oportunidade de examinar mais cerca de 150 manuscritos, o que permitiu esclarecer melhor a sua história.*

critico latino 5251 da Biblioteca Nacional de Paris, *Martirologio e Ritual de Limoges*, da segunda metade ou fins do século x. No século x não aparece em mais nenhum outro documento, pelo que nos é lícito concluir ter sido composta nesta região²⁵. A sua terra de eleição é, porém, o Sul da França, pois daqui provém a maior parte dos documentos, como poderá ver-se pelo quadro apresentado até ao séc. xii. E a sua história nos séculos seguintes está na mesma linha de continuidade. Do Sul da França irradiou para Espanha e Portugal²⁶.

Há um facto impressionante na história desta composição. Não obstante o grande número de testemunhos, que fazem dela uma das mais populares da Idade Média, não aparece em nenhum documento da Alemanha, nem da Inglaterra, nem da Itália²⁷, ao contrário do que acontece com a maior parte das composições congêneres. Qual teria sido a causa desta recusa? Pensamos que a relutância em aceitar este texto é devida a dois factores. O primeiro, a nova interpretação que dá ao simbolismo da luz, aproximando-o da Parábola das Virgens. A oração que acima analisámos também não foi aceite na Alemanha, nem na Itália. O segundo é certamente o facto de invocar a intercessão de Nossa Senhora para a bênção das velas, a que se destina. O recurso à intercessão da Virgem Maria, por mais estranho que pareça tratando-se duma festa marial, é muito raro em composições desta natureza.

O texto que reproduzimos é o do mais antigo testemunho: *Paris, B. N. ms. lat. 5251*²⁸. Não nos pareceu oportuno sobrecarregar-lo com o aparato crítico das diferenças textuais dos outros

²⁵ É altamente significativo o facto de ter sido composta em Limoges, pois também em Limoges foi escrito o drama *Sponsus*, a que acima nos referimos, o que mostra com toda a clareza a influência da liturgia no teatro medieval. Altamente significativo também o facto desta oração não ter subsistido nos livros litúrgicos de Limoges, parecendo indicar que o teatro veio substituir neste ponto a liturgia.

²⁶ Como é sabido, os livros litúrgicos introduzidos na Península Hispânica nos fins do séc. xi, a quando da supressão da liturgia visigótica, procedem todos ou quase todos desta região; e as liturgias locais implantadas em Espanha e Portugal reflectem os usos e costumes do meio espiritual de origem.

²⁷ Única excepção a este fenómeno é o manuscrito da *Biblioteca Vaticana, Arch. S. Pietro F. 12*, classificado por A. EBNER, *Missale Romanum im Mittelalter — Iter Italicum*, Freiburg im Breisgau 1896, pág. 185, como procedente de Roma ou arredores. Da mesma opinião é também K. GAMBER, *Codices Liturgici latini antiquiores*, Freiburg Schweiz 1963, n.º 739, p. 147. Mas P. SALMON, *Les Manuscrits Liturgiques latins de la Bibliothèque Vaticane*, II, *Sacramentaires Epistoliers Evangeliaires Graduels Missels*, Città del Vaticano 1969, n. 4, pag. 4, mostra-se mais reservado e classifica-o simplesmente como *sacramentarium-evangeliarium monasticum*.

²⁸ Sobre este códice ver P.-M. GY, *Collectaire, Rituel, Processional*, «Revue des Sciences philosophiques et théologiques», XLIV (1960), p. 458.

documentos. Não deixaremos todavia de assinalar algumas das variantes mais significativas, porque elas refletem o ambiente espiritual do meio onde era utilizada. Assim, numa maneira geral todos os documentos do Sul da França e da Península Hispânica conservaram o *incipit* primitivo: *Deus ineffabilis potentie*, enquanto que noutras regiões da França é sistemáticamente substituído por: *Deus inestimabilis potentie*. Em Albi é modificado para: *Deus inenarrabilis potentie*. Noutras regiões duplicado para: *Deus inenarrabilis et inestimabilis potentie*. Nos pontificais de Braga do séc. XII e do séc. XV e mais dois documentos de França (Bayeux e Evreux) é combinado ainda doutra maneira: *Deus venerabilis et inestimabilis potentie*. A mais significativa variante é, porém, a expressão: *cum nostra humilitate*, característica dos documentos procedentes das vertentes dos Pirenéus, em vez de: *cum nostra humanitate*, do texto original e da maioria dos testemunhos.

A função litúrgica desta oração é sempre a bênção das velas, como aliás o próprio texto indica. Em muitos documentos é a única oração destinada a esta bênção; nalguns é mesmo o único texto do ritual do dia 2 de Fevereiro²⁹.

Vejamos agora um texto inteiramente inédito:

VD. Domine Iesu Christe, omnipotens incomprehensibile lumen, qui cum sine tempore sis Deus genitus ex Patre, ad nostram illuminationem temporaliter homo fieri dignatus es, ineffabiliter natus ex Matre, quique peractis hodie quadraginta diebus a natiuitate, in templo maternis manibus es presentatus, Patrique cum muneribus sacris oblatus: hodie iustus Symeon corporeis te sicut diu optauerat oculis uidit, tuamque infan-
[fol. 16/ tiam eius pia senectus agnouit, atque ulnis senilibus gestans Deum benedixit: quapropter nos ecce grex tuus, et oves pascue tue, pietatem tuam suppliciter exposcimus, ut sicut hodie israelitico in templo corporaliter presentari uoluisti, ita inuisibiliter in medio nostri digneris consistere, tuoque nos presentia deitatis clementer sanctificare. Et sicut iustus Symeon hodie te suscepit in brachiis, ita nos te suscipere mereamur in cordibus nostris, atque sicut tuis dilectoribus te promisisti

²⁹ Por exemplo, em todos os livros da Liturgia Cisterciense.

usque in finem seculi affuturum, ita perpetuo digneris manere nobiscum. Amen.

Hos quoque cereos quos ob tui honorem gestare cupimus, ita quesumus digneris benedicere, sanctique Spiritus infusione sanctificare, ut quicumque ex eis susceperint tuo ferucant semper amore, et ad tuas nuptias, ornatis lampadibus, laetantes mereantur intrare. Per te Saluator mundi.

Paris, B. N. ms. lat. 933 fol. 15 v.

Os testemunhos desta composição são apenas os seguintes, em toda a sua história:

Avignon, Bibl. Mun. ms. 178, fol. 104 v.

Sacramentário dum Mosteiro da Narbona. Séc. XII.

Barcelona, Arch. de la Corona de Aragón, ms. Ripoll 112, fol. 186.

Missal de Ripoll. Séc. XIV.

Madrid, B. N. ms. 415, fol. 102 v.

Sacramentário dum Mosteiro do Roussillon. Séc. XIV.

Paris, B. N. ms. lat. 933, fol. 15 v.

Colectário e Ritual de Lagrasse. Séc. XI, fins.

A história desta composição é muito simples. Redigida no séc. XI em Lagrasse, célebre mosteiro dos Pirenéus franceses, nunca teve grande irradiação. Aparece apenas em mais três mosteiros da mesma região, um dos quais Ripoll, na outra vertente dos Pirenéus.

Do ponto de vista litúrgico, trata-se dum longo *prefácio* dividido em duas partes. A primeira, de grande intensidade teológica e profunda inspiração bíblica, é um hino de louvor a Jesus Cristo, luz vinda de Deus; a segunda constitui a bênção ritual propriamente dita, na qual se integra, com rara beleza espiritual, a referência à Parábola do Evangelho. A sua função é em todos os manuscritos a bênção do lume, isto é, das velas já acesas, como o exige aliás a redacção literária do texto. Há apenas uma excepção, a do manuscrito de Avignon 178, do séc. XII, onde as rubricas parecem indicar ter como função a bênção das velas.

As antífonas

O texto que melhor exprime o sentido simbólico das velas na festa das Candeias, aproximando-o da lâmpada das Virgens Prudentes do Evangelho, é uma antífona formada em parte pelo próprio texto do Evangelho:

Venite et accendite: aptate lampades vestras:
 ecce sponsus venit: exite obviam ei.

Para nos pronunciarmos com inteira objectividade sobre a origem, história e zona de influência desta composição, vejamos antes de mais os documentos onde se encontra:

Albi, Bibl. Mun. ms. 3, fol. 15.

Ritual da Catedral de Albi. Séc. XII.

Albi, Bibl. Mun. ms. 5, fol. 25 v.

Sacramentário de Albi. Séc. XII, 1.^a metade.

Albi, Bibl. Mun. ms. 9, fol. 55.

Colectário e Ritual de Albi. Séc. XII-XIII.

Avignon, Bibl. Mun. ms. 142, fol. 57 v.

Missal de Caromb. Séc. XIV.

Avignon, Bibl. Mun. ms. 143, fol. 86 v.

Missal de Caromb. Séc. XIII, fins.

Barcelona, Arch. de la Corona de Aragón, ms. S. Cugat 24, fol. 116.

Sacramentário de S. Cugat. Séc. XIII.

Barcelona, Arch. de la Corona de Aragón, ms. Ripoll 112, fol. 186.

Missal de Ripoll. Séc. XIV.

Braga, Bibl. Mun. ms. chamado «Missal de Mateus», fol. 37 v.

Missal procedente do Sul da França, utilizado em Braga. Séc. XII, 2.^o quartel.

Braga, Bibl. Mun. ms. 870, fol. 13 v.

Pontifical de Braga. Séc. XV.

Gerona, Arch. Catedralicio, ms. I. b. 7., fol. 226.

Missal da Catedral de Gerona. Séc. XIV:

Madrid, B. N. ms. 136, fol. 10.

Processional de Toulouse. Séc. XII.

Madrid, B. N. ms. 9590, fol. 190 v.

Missal de Uzès (Gard). Séc. XV.

Madrid, B. N. ms. 9719, fol. 91 v.

Sacramentário duma comunidade de Cónegos Regulares de Aragão (modelo de Toulouse). Séc. XII (1162).

Madrid, Bibl. Academia de Historia, ms. S. Millan 18, fol. 235 v.

Missal de San Millan. Séc. XI.

Narbonne, Bibl. Mun. ms. 1, fol. 12 v. (2.ª fol.).

Missal da Narbona. Séc. XIV (1358).

Paris, B. N. ms. lat. 837, fol. 192.

Missal de Toulouse. Séc. XIV, 2.ª metade.

Paris, B. N. ms. lat. 871, fol. 202.

Missal de Bordeaux. Séc. XV, 2.ª metade.

Paris, B. N. ms. lat. 875, fol. 171.

Missal de St-Trophime d'Arles. Séc. XIV, princípios.

Paris, B. N. ms. lat. 949, fol. 8 v.

Pontifical d'Aix-en-Provence. Séc. XIV, princípios.

Paris, B. N. ms. lat. 1220, fol. 94 v.

Pontifical de Arles. Séc. XIV, 1.ª metade.

Paris, B. N. ms. lat. 2293, fol. 35.

Sacramentário de Figeac utilizado em Moissac. Séc. XI.

Paris, B. N. ms. lat. 2295, fol. 20.

Sacramentário de Cahors (?). Séc. XII.

Paris, B. N. ms. lat 2813, fol. 14.

Sacramentário de Carcassona. Séc. XIII, 1.^a metade.

Porto, Bibl. Mun. ms. 1134, fol. 2.

Pontifical de Braga. Séc. XII.

Roma, Bibl. Vaticana, ms. Burghes. 244, fol. 22-22 v.

Sacramentário de Dax. Séc. XIV.

Roma, Bibl. Vaticana, ms. lat. 3547, fol. 97.

Sacramentário de Barcelona ou arredores. Séc. XIII, princ.

Toledo, Bibl. Catedral, ms. 37-18, fol. 55.

Missal da Catedral de Toledo. Séc. XII-XIII.

Toulouse, Bibl. Mun. ms. 97, fol. 172.

Missal de Toulouse. Séc. XIV, 2.^a metade.

Toulouse, Bibl. Mun. ms. 106, fol. 190 v.

Missal de St-Benoit de Castres. Séc. XIV. 2.^a metade.

Manuscrito não identificado da Narbona. Séc. XI-XII.

Ed. E. MARTÈNE, *De antiquis ecclesiae ritibus*, Lib. IV, Cap. XV, Ordo II.

O manuscrito mais antigo onde aparece esta antífona é um *Sacramentário de Figeac, adaptado ao uso de Moissac* (Paris, B. N. ms. lat. 2293), datado do séc. XI³⁰. O mesmo é dizer que este texto foi organizado no sul da França. Esta origem é aliás confirmada pela longa série de documentos que a atestam, pois todos sem excepção procedem da mesma região: Albi, Aix-en-Provence, Arles, Cahors, Carcassone, Caromb, Dax, Narbonne, Toulouse. Daqui irradiou para Espanha e Portugal, aparecendo, ainda no séc. XI, em San Millan; no séc. XII, em Braga (por intermédio do «Missal de Mateus» e do

³⁰ Não temos a pretensão de conclusões definitivas neste ponto, porque nos não foi possível examinar os livros de canto da mesma época, nomeadamente os antifonários e processionais. Os sacramentários, missais, pontificais e rituais que examinámos, nem sempre indicam os elementos de canto. Pensamos todavia que os resultados do nosso inquérito não andarão muito longe da verdade.

Pontifical do séc. XII), Aragão e Toledo; no séc. XIII, em Barcelona; e no séc. XIV, em Gerona e Ripoll. Facto altamente significativo: este texto, de valor simbólico tão expressivo, não só não aparece em nenhum outro país da Europa, como também em nenhuma outra região da França. Por outras palavras, é próprio da zona de influência da antiga liturgia visigótica, a qual, como é sabido, se estendia para além dos Pirenéus às províncias do Sul das Gálias, e nomeadamente à Narbona até à invasão árabe.

A função litúrgica desta antífona é a mesma em todos os documentos: ser cantada no momento em que, feita a bênção e distribuídas as velas, estas são acesas. A maior parte dos documentos indicam que deve ser cantada três vezes.

A antífona que se lhe segue é, na maioria dos documentos, aquela que chegou até nós no *Missal Romano* de Pio V e Paulo VI: *Lumen ad revelationem gentium*, seguida do cântico: *Nunc dimittis*.

Mas no testemunho mais antigo, o *Sacramentário de Figeac-Moissac* é seguida doutra passagem do Evangelho (*Math. 25, 7*), intitulada *Ps.: Tunc surrexerunt omnes. Gloria Patri*. O manuscrito 142 da Biblioteca de Avinhão, acrescenta outra, também inédita: *Magnum nomen Domini*; e o manuscrito 112 do Fundo de Ripoll, do Arquivo da Coroa de Aragão, Barcelona, acrescenta igualmente uma passagem do Evangelho, transformada em antífona: *Benedictus qui venit in nomine Domini*. Estas antífonas acentuam ainda mais o simbolismo do cerimonial, proclamando a presença do Senhor.

A antífona que acabamos de estudar surge enquadrada, em certas regiões e ambientes espirituais, num convite solene para acender as velas. É seguida doutra antífona bíblica, que mais lhe realça o valor simbólico, constituindo um núcleo específico. Por isso nos pareceu conveniente estudá-lo à parte:

Accendite.— Deo gratias.

Ant. Venite et accendite. III.

Ecce nomen Domini Emmanuel. III.

Eis os documentos onde encontramos este cerimonial:

Avignon, Bibl. Mun. ms. 178, fol. 105 v.

Sacramentário dum Mosteiro da Narbona. Séc. XII.

Barcelona, Arch. de la Corona de Aragón, ms. S. Cugat 24, fol. 116.
Sacramentário de S. Cugat. Séc. XIII.

Barcelona, Arch. de la Corona de Aragón, ms. S. Cugat 73, fol. 97.
Ritual e processional de S. Cugat. Séc. XIII-XIV.

Gerona, Bibl. Provincial, ms. 142, fol. 193.
Missal de S. Feliú de Guixols. Séc. xv.

Gerona, Arch. Catedralicio, ms. I. b. 7., fol. 226.
Missal da catedral de Gerona. Séc. xiv.

Madrid, B. N. ms. 415, fol. 103 v.
Sacramentário dum mosteiro do Roussillon. Séc. xiv, 1.^a metade.

Paris, B. N. ms. lat. 933, fol. 16.
Colectário e Ritual de Lagrasse. Séc. xi, fins.

Paris, B. N. ms. lat. 1102, fol. 114 v.
Sacramentário de Gerona. Séc. xii, último quartel.

Paris, B. N. ms. lat. 2813, fol. 14.
Sacramentário de Carcassona. Séc. XIII, 1.^a metade.

Vich, Museu Episcopal, ms. 68, fol. 150 v.
Sacramentário de San Juan de las Abadessas. Séc. XII-XIII.

O mais antigo testemunho onde encontramos este cerimonial é o manuscrito 933 da Biblioteca Nacional de Paris, dos fins do séc. xi, procedente de *Lagrasse*, o mesmo mosteiro onde foi redigido o prefácio: *Domine Iesu Christe, omnipotens incomprehensibile lumen*. Daqui irradiou para Espanha, mas aparece só em manuscritos procedentes das duas vertentes dos Pirenéus: Narbona, Carcassona e Roussillon; Gerona, Vich e S. Cugat.

Este rito está inspirado na narrativa evangélica da Parábola das Virgens: em vez de *exite!* (*Math. 25, 6*), proclama-se: *accendite!* três vezes repetido, conforme acentuam todos os documentos. E para mais realçar o simbolismo do cerimonial é acrescentada a antífona: *Ecce nomen Domini Emmanuel* (*Math. 1, 23*). Esta antífona falta todavia — facto significativo! — em todos os manuscritos fran-

ceses: Avignon 178 (Narbona), Paris 2813 (Carcassona) e Madrid 415 (Roussillon). Isto equivale a dizer que se trata dum cântico próprio da espiritualidade hispânica.

Por mais paradoxal que à primeira vista possa parecer, este rito aparece também no contexto da *Vigília Pascal* num sacramentário da Narbona do séc. XII: *Avignon, Bibl. Mun. ms. 178*. O mosteiro a que pertenceu este sacramentário não está ainda identificado, mas é possível que se trate de S. Miguel de Cuxa, da diocese de Elne, nos Pirenéus franceses. Embora o rito seja o mesmo, aqui a aproximação é feita, não com a Parábola das Virgens, mas com a visita das Santas Mulheres ao túmulo do Senhor na manhã da Ressurreição:

... procedat ad altare cum ingenti decore, cum euangelii textum, cum cereis et turibulis. Tunc sacriscrinius afferat cereos, primo quidem presbitero eiusque ministris, deinde omnibus qui sunt in coro. Tunc dicat diachonus excelsa uoce:

Accendite, usque tercio.

Et respondeant omnes: *Deo gratias*.

Continuo accedentes omnes, accendant omnes cereos igne nouo. Sequitur: *Kirie eleison*. Quo finito, presbiter dicat excelsa uoce: *Gloria in excelsis*.

Ante euangelium non ferantur cerei, sed incensum tantum: nam mulieres lucem vitę resurgentis nondum credentes, auctorem uitę, quasi mortuum cum aromatibus querebant...

Avignon, Bibl. Mun. ms. 178, fol. 50 v.

Um novo rito baptismal

A Parábola das Virgens do Evangelho era de tal modo vivida na espiritualidade medieval que levou à criação e introdução de um novo rito no cerimonial tradicional do baptismo recebido de Roma: a entrega de uma vela acesa ao neófito, no fim da celebração. A vela baptismal tem o mesmo valor simbólico da lâmpada das Virgens; é preciso conservá-la sempre acesa (*inreprehensibilis*) até à vinda do Senhor:

Accipe lampadem inreprehensibilem, custodi baptismum tuum, ut cum Dominus uenerit ad nuptias possis occurrere

ei una cum sanctis in aula celesti, et habeas uitam eternam et uiuas in secula seculorum. Amen.

Reims, Bibl. Mun. ms. 305, fol. 113 v.-114.

Antes de abordarmos a história do novo rito, apresentaremos os documentos onde o encontramos até ao séc. XII, os únicos verdadeiramente indispensáveis para conhecermos a sua origem. Os manuscritos, como de costume, são apresentados por ordem alfabética das bibliotecas a que pertencem:

Laon, Bibl. Mun. ms. 236, fol. 10 v.
Missal de Reims. Séc. XI.

Laon, Bibl. Mun. ms. 237, fol. 37 v.
Missal de Soissons. Séc. XI.

Madrid, B. N. ms. Vit. 20-8, fol. 50 v.
Sacramentário de Sahagún. Séc. XI, último quartel.

Madrid, Bibl. Academia de Historia, ms. 18, fol. 136.
Missal de San Millan. Séc. XI, fins.

Montpellier, Bibl. Faculté de Médecine, ms. 314, fol. 152.
Missal de St-Étienne de Caen. Séc. XI, fins.

Orléans, Bibl. Mun. ms. 127 (105), fol. 88.
Sacramentário de Winchcombe. Séc. X, fins.

Paris, B. N. ms. lat. 2297, fol. 10 v.
Sacramentário dum Mosteiro da Bretanha. Séc. XI, princípios.

Paris, B. N. ms. lat. 11589, fol. 51.
Sacramentário do Mosteiro de St-Méen. Séc. XI (2.^a mão).

Paris, B. N. ms. lat. 17306, fol. 96.
Missal de Amiens. Séc. XI, meados.

Reims, Bibl. Mun. ms. 305, fol. 113 v.-114.
Colectário e Ritual de St-Bertin. Séc. X-XI.

Roma, *Bibl. Vaticana, ms. Chigi CV 134, fol. 101.*

Ritual de procedência desconhecida. Séc. x.

Rouen, *Bibl. Mun. ms. 395 (Y. 127), fol. 36 v.*

Ritual de Jumièges. Séc. xi.

Rouen, *Bibl. Mun. ms. 3020 (Leber 133), fol. 34.*

Ritual de Cormery. Séc. xi, fins.

Tour, *Bibl. Mun. ms. 196, fol. 124 v.*

Sacramentário de Marmoutier. Séc. xi.

Nesta lista há três documentos do séc. x; os outros são todos do séc. xi³¹. O mesmo é dizer que o rito surgiu no decurso do séc. x. O ambiente espiritual em que foi concebido também é fácil de identificar: trata-se dos mosteiros beneditinos da parte Norte da França, pois daí provém a maior parte dos documentos: St-Bertin, Jumièges, Cormery, Marmoutier, St-Étienne de Caen, St-Méen e uma Abadia não identificada da Bretanha. Será possível ir mais longe, e tentar, com as devidas reservas naturalmente, identificar o mosteiro onde teria sido congeminado?

Um dos manuscritos mais antigos é *Reims 305*, colectário e ritual de St-Bertin³², mosteiro do Norte da França, em Pas-de-Calais. Não pensamos todavia que tenha sido aqui o seu berço. Inclinamo-nos antes a pensar que o novo rito viu a luz do dia no célebre mosteiro de Fleury, St-Benoit-sur-Loire, perto de Orléans. A razão é a seguinte. Outro dos documentos mais antigos, porventura até o mais antigo, é o *manuscrito 127* (antigo 105) da *Biblioteca Municipal de Orléans*³³. Este documento está perfeitamente identificado: trata-se de um sacramentário de Winchcombe, do condado de Gloucester, no centro da Inglaterra. Todavia a hipótese duma origem inglesa deste rito está inteiramente posta de parte, não só pelas razões acima apontadas, como ainda porque não aparece em nenhum outro manuscrito inglês antes do séc. xii. Pelo contrário, o aparecimento da nova cerimónia em Winchcombe é perfeitamente

³¹ Dedicámos já há anos a este assunto um pequeno trabalho: *História da Vela baptismal*, «Ora & Labora», XIV (1967), pp. 161-174, mas nessa altura não conhecíamos ainda nenhum manuscrito do séc. x com este rito, pelo que concluímos indevidamente ser do séc. xi.

³² Sobre este códice, ver P.-M. GY, *op. c.*, p. 452.

³³ Sobre este manuscrito, ver V. LEROQUAIS, *Les Sacramentaires et Missels manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, tom. I, Paris 1924, pp. 89-91.

esclarecida pela história mesma do mosteiro. Winchcombe foi reconstruído na segunda metade do séc. x pelo arcebispo de Yorque, Oswald, e a administração confiada ao Abade Germain, seu principal cooperador na reconstrução, antigo monge de Fleury, que ele levara consigo para Inglaterra³⁴. Assim se explica tão cedo a presença do novo rito em Winchcombe, e ainda que este códice se encontre em St-Benoit-sur-Loire pelo menos já desde o séc. xi, donde mais tarde passaria para a biblioteca de Orléans. Assim se explica também que o texto deste manuscrito não seja correcto³⁵: a nova cerimónia era tão estranha na Inglaterra que o copista lhe não entendeu o sentido e se enganou a copiá-la.

Vejamos agora a história pròpriamente litúrgica do novo rito. A vela baptismal era certamente a princípio entregue ao neófito sem qualquer formulário, porque o manuscrito *Paris, B. N. lat. 2297*, procedente dum mosteiro da Bretanha, diz simplesmente: *Et detur lampas*, sem qualquer formulário. A princípio também o simbolismo da luz deveria ter sido polivalente ou de carácter geral. Não foi pelo menos exclusivamente relacionado com as Virgens Prudentes. Um dos três testemunhos mais antigos, *Roma, Bibl. Vaticana, ms. Chigi CV 134*, dá-nos um texto de interpretação diferente, inteiramente inédito, pois não o encontramos ainda em nenhum outro documento:

Domine Deus omnipotens qui hunc cerę liquorem melli olim inmixtum, ut te dulcedinem ueram cum lumine summo fore demonstrares, famulos tuos ferre precepisti, te suppliciter deprecamur, ut huic famulo tuo Spiritus sancti unda perfuso haec lucerna per te, qui lumen dulcedo uera es, salus sit corporis et anime sempiterna. Qui uiuis.

Aqui a vela simboliza a luz e a doçura de Cristo. Infelizmente este códice não está identificado, e por isso não é possível saber onde floresceu tão original interpretação³⁶.

³⁴ *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, tom. XII, 2.º, col. 2718.

³⁵ *Accipe lampadem quam et inreprehensibilem ut custodi baptismum tuum, ut cum Dominus uenerit ad nuptias possis ei occurrere una cum sanctis in aula celesti, ut habeas uitam ęternam et uiuas in secula seculorum. Amen.*

³⁶ Sobre este códice ver P. SALMON, *op. c.* n.º 277, p. 118. Nenhum dos catálogos anteriores da Biblioteca Vaticana se refere a este manuscrito.

A fórmula tradicional foi acrescentada à margem por outra mão, mas também aqui o escriba se enganou a transcrevê-la.

Mais tarde ainda, em pleno séc. XII, um sacramentário do Norte de Aragão, *Montserrat, Bibl. do Mosteiro, ms. 815, fol. 47*, dá-nos também uma interpretação diferente, apresentando-nos a luz como sinal de alegria e antevisão da luz eterna, que é Jesus Cristo:

Accipe lumen iocunditatis sub tipo ueri luminis, uisurus lumen æternum, in Christo Iesu Domino nostro.

O simbolismo que prevaleceu, porém, e se universalizou, foi o da aproximação da vela baptismal da lâmpada das Virgens Prudentes do Evangelho, na expectativa da vinda do Senhor no último juízo. A fórmula que acima apresentamos do códice *Reims 305* parece-nos ser a original; é pelo menos a que se generalizou com mais ou menos variantes textuais. Não é contudo a única a exprimir este simbolismo. Assim, integradas muito embora na mesma perspectiva escatológica, encontramos três fórmulas um tanto originais em documentos dos séculos XII e XIII:

Accipe lampadem diuine benedictionis igne accensam, ut illa spiritualiter potiaris, quam cum prudentibus uirginibus perferas ante tribunal Domini. Amen.

Paris, B. N. ms. lat. 823, fol. 49-49 v.
Missal de Remiremont. Séc. XII.

Accipe lampadam ardentem, quam habeas in conspectu Domini in die iudicii, ut uirtus Spiritus sancti irradietur cor tuum et uiuas in secula seculorum. Amen.

Albi, Bibl. Mun. ms. 9, fol. 90.
Colectário e Ritual de Albi. Séc. XII-XIII.

Accipe lampadem, quam inreprehensibilem inextinguibilemque in die iudicii Christo ad iudicium uenienti representare merearis, et per lumen eius futuras tenebras sine offensione euadere possis. Per eundem.

Paris, B. N. ms. lat. nouv. acq. 331, fol. 144.
Pontifical de Langres. Séc. XIII, princípios.

A fórmula que se impôs na quase totalidade dos documentos e chegou até nós não apresenta em geral grandes variantes. Assinalaremos só algumas das mais significativas.

A partir do séc. XII, aparece em alguns documentos o inciso *serva mandata*:

Accipe lampadem inreprehensibilem, custodi bap̄tismum, serva mandata, ut cum uenerit Dominus ad nuptias possis occurrere ei una cum sanctis in aula celesti, et merearis habere uitam eternam, et uiuas in secula seculorum. Amen.

Albi, Bibl. Mun. ms. 3, fol. 36.

Ritual da Catedral de Albi. Séc. XII.

Um missal de Amiens dos meados do séc. XI, substitui a palavra baptismo por *opera tua*, mas não conhecemos nenhum outro documento com semelhante correcção:

Accipe lampadem inreprehensibilem, custodi opera tua, ut cum Dominus ad nuptias uenerit, possis occurrere ei in aula celestia [*sic*] in secula. Amen.

Paris, B. N. ms. lat. 17306, fol. 96.

Missal de Amiens. Séc. XI, meados.

A palavra que qualifica habitualmente lâmpada é *inreprehensibilis*, mas em certos documentos, embora raros, aparece outra: *ardens*³⁷, *sancta*³⁸, por exemplo.

Um ritual da Catedral de Toledo, dos fins do séc. XIII, princípios do séc. XIV, explica que a lâmpada são as boas obras:

Accipe lampadam ardentem inreprehensibilem, custodi bap̄tismum tuum, ut cum uenerit Dominus ad nuptias [ut] possis illi occurrere in aula celesti una cum lampade bonorum operum et uiuas in secula seculorum, et pax tecum.

Toledo, Bibl. Catedral, ms. 38-24, fol. 8.

Para completarmos estes breves apontamentos sobre a história da vela baptismal, queremos assinalar o caso único dum rito que encontramos até hoje: a bênção da vela baptismal, antes da entrega ao neófito. Este rito aparece num *Missal de Reims* do séc. XI:

³⁷ Ver o texto acima transcrito do códice *Albi, Bibl. Mun. ms. 9, fol. 90.*

³⁸ Accipe lampadem sanctam et inreprehensibilem et custodi bap̄tismum tuum ut cum uenerit Dominus ad nuptias, possis ei occurrere una cum sanctis in aula celesti ut habeas uitam eternam et uiuas in secula seculorum. *Ritual de Nidaros (Noruega)*, dos princípios do séc. XIII: HELGE FAEHN, *Manuale Norvegicum*, Oslo 1962, p. 157.

Deus uere lux hominum, Deus Christe fons luminis, qui lucem claritate inluminas de proprio fulgore, tua misericordia signet ac benedicat hunc cereum in secula seculorum. Amen.

Laon. Bibl. Mun. ms. 236, fol. 10 v.

A fórmula que se lhe segue da entrega da vela é a tradicional, mas retocada no sentido da bênção da mesma, com explícita referência ao *esplendor* da luz, recebida de Cristo:

Accipe lampadam inreprehensibilem, custodi baptismum tuum, ut cum uenerit Dominus ad nuptias possis ei occurrere cum splendore in aula celesti et habeas uitam eternam.

Laon, Bibl. Mun. ms. 236, fol. 10 v.

O rito da vela baptismal, que, como vemos, é de origem monástica e criação medieval, não desapareceu com a reforma do novo ritual de baptismo, quer das crianças, quer dos adultos. Antes, foi revalorizado para simbolizar a luz de Cristo, que é a luz da Fé. O antigo formulário desapareceu, mas o novo conserva ainda o sentido escatológico primitivo e vestígios literários do antigo texto.³⁹

A eucologia medieval

A Parábola das Virgens inspirou ainda numerosas composições eucológicas da Idade Média. Um inquérito neste sector ultrapassaria

³⁹ *Postea celebrans cereum paschalem manibus accipit vel tangit, dicens:*

Accedite, patrini et matrinae, ut lumen neophytis tradatis.

Accedunt patrini ac matrinae et cereum e cereo paschali accendunt, eumque neophyto porrigunt.

Deinde celebrans ait:

Lux in Christo facti estis.

Ut filii lucis indesinenter ambulate,

ut, in fide perseverantes,

aduenienti Domino occurrere valeatis

cum omnibus Sanctis in aula caelesti.

Baptizati:

Amen.

Ordo Initiationis Christianae Adultorum, Editio Typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1972, pp. 86, 102, 138.

O ritual de baptismo das crianças é, neste ponto, inteiramente semelhante ao dos adultos, apenas adaptado às circunstâncias: *Ordo Baptismi Parvulorum*, Editio Typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1969, pp. 33, 45.

os limites e as possibilidades do presente trabalho, porque seria necessário submeter a exame sistemático toda a produção eucológica medieval. Assim tomaremos apenas, a título de exemplificação, um caso específico: as *bênçãos episcopais* ⁴⁰:

Por *bênção episcopal* entende-se a bênção dada, não no fim da missa, mas antes da comunhão, servindo de despedida aos que não comungavam e de preparação espiritual aos que iriam receber a comunhão ⁴¹. Do ponto de vista ritual e literário, consta essencialmente de três fórmulas, ritmadas à maneira de «prosa» medieval, a que o povo se associa com o *Amen*. Rito próprio das liturgias galicana e hispânica, é nesta última que encontramos o tipo mais puro, mais antigo e harmonioso da bênção episcopal no Ocidente ⁴².

A liturgia romana, na estrutura que chegou até nós nos antigos sacramentários, desconhecia este rito ⁴³; mas a partir da época carolíngia, e por intermédio do célebre *Suplemento* ao sacramentário *Hadrianum*, ele estendeu-se praticamente a todos os cantos da Europa. O *Suplemento* divide-se em duas partes. A primeira consta duma longa série de textos destinados a completar o sacramentário gregoriano e permitir a sua utilização habitual no ciclo do ano. A segunda é constituída por duas colectâneas: uma de prefácios e outra de bênçãos episcopais.

A organização do *Suplemento* era desde o séc. XI atribuída a Alcuino, mas estudos recentes revelaram que o seu verdadeiro autor é S. Bento de Aniane († 821) ⁴⁴. Um dos argumentos mais decisivos está na manifesta influência da liturgia visigótica, o que pressupõe um autor formado no espírito desta liturgia. E o caso mais esclarecedor é exactamente o das bênçãos episcopais, pois todas, excepto uma, foram por ele redigidas, tendo como fonte ou motivo de inspiração a liturgia hispânica ⁴⁵. Ora aqui encontramos já alguns textos com

⁴⁰ Resumo da história e natureza da bênção episcopal na obra recente de D. E. MOELLER, *Corpus Benedictionum Pontificalium*, *Corpus Christianorum*, Series Latina CLXII, Turnhout 1971, p. VII sgs. O terceiro volume desta obra explanará melhor a origem e natureza deste rito.

⁴¹ Não era todavia de uso exclusivo na missa. Existia, por exemplo, em certas horas do ofício.

⁴² Esteve também em uso no Oriente e na África, e parece ter sido rito universal nos primeiros séculos.

⁴³ É muito provável que tenha existido também na tradição romana e que a bênção *Super populum* seja um vestígio do antigo rito.

⁴⁴ Esta investigação é devida a Dom Jean Deshusses. Ver o resumo das suas conclusões e bibliografia completa na edição crítica recente do sacramentário gregoriano: J. DESHUSSES, *Le Sacramentaire Grégorien — Ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits*, Fribourg Suisse 1971, pp. 64-70.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 68.

referência directa à Parábola das Virgens, como este, particularmente expressivo por se encontrar inserido na Vigília pascal:

Benedictio in Sabbato sancto.

Deus, qui de ecclesiae suae intemerato utero novos populos producens eam virginitate manente nova semper prole fecundat, fidei, spei et caritatis vos munere repleat, et suae in vos benedictionis dona infundat. Amen.

Et qui hanc sacratissimam noctem redemptoris nostri resurrectione voluit illustrare, mentes vestras peccatorum tenebris mundatas, virtutum copiis faciat coruscare. Amen.

Quo eorum qui modo renati sunt innocentiam imitari certetis et vascula mentium vestrarum exemplo praesentium luminum illustretis, ut cum bonorum operum lampadibus ad huius sponsi thalamum cuius resurrectionem celebratis, cum prudentibus virginibus intrare possitis. Amen ⁴⁶.

Apesar da longa série de bênçãos episcopais do *Suplemento*, a Idade Média continuou a redigir textos desta natureza, para as mais variadas circunstâncias. Muitos deles são igualmente inspirados na Parábola das Virgens. Vejamos, a título de exemplo, este do segundo quartel do séc. XI, utilizado na catedral de Cantuária, também na Vigília pascal:

Alia benedictio in Sabbato sancto ad missam.

Deus, qui hanc sacratissimam noctem redemptoris nostri resurrectione voluit illustrare, mentes vestras peccatorum tenebris mundatas, virtutum copiis faciat coruscare. Amen.

Quique mortem nostram ingressus inferni tartara devicit virtute divina, suscipiat propitius benedictionis vestrae celebrationes voto sinceræ mentis oblatas. Amen.

Ut cum bonorum operum lampadibus ad beatæ vitæ gaudia festinantes cum exultantibus caelestium spirituum animabus, in aeterna resurrectione resurgere valeatis. Amen ⁴⁷.

A influência da Parábola das Virgens na liturgia não é fenómeno exclusivo, nem da Idade Média, nem do Ocidente ⁴⁸. Um inquérito

⁴⁶ D. E. MOELLER, *Corpus Benedictionum Pontificalium*, n.º 879, p. 353; J. DESHUSSES, *Le Sacramentaire Grégorien*, n.º 1754, p. 584.

⁴⁷ D. E. MOELLER, *Corpus Benedictionum Pontificalium*, n.º 941, p. 382.

Notar que há uma fórmula comum nestes duas bênçãos, o que mostra a influência do *Suplemento* nas composições medievais desta natureza.

⁴⁸ Nada diremos sobre as liturgias orientais. Indicaremos apenas dois textos, a título exemplificativo, escolhidos entre vários apresentados em dois estudos recentes.

O primeiro, a estrofe dum hino da liturgia síria oriental, atribuído a S. Efrém:

Notre roi vient dans sa grande gloire:
allumons nos lampes et sortons à sa rencontre!

nesse sentido está para além do âmbito deste trabalho. Não deixaremos todavia de assinalar, em breve apontamento, o caso da liturgia hispânica, não só porque nos diz directamente respeito, mas ainda porque ajudará a compreender melhor alguns dos factos já analisados.

A *dramatização* da procissão das velas na festa da Purificação tomou particular relevo nas regiões que foram outrora zona de influência da antiga liturgia visigótica: a Península Hispânica e as províncias do Sul da França. À excepção da primeira oração, que aliás não teve grande irradiação, podemos afirmar que a maior parte dos textos acima analisados são próprios desta zona. Diante deste facto, parece-nos lícito inferir ser o fenómeno devido à influência do génio da liturgia hispânica. Não é possível expor aqui demorada investigação neste sentido⁴⁹. Citaremos só um texto, altamente significativo por se encontrar inserido na celebração da Vigília pascal, e que explicará certamente a razão de ser das duas bênçãos episcopais acima transcritas. Trata-se duma passagem do *Laus cerei* hispânico, que falará por si melhor que qualquer comentário:

[...] Dignum est ut sponsi coruscantis adventum accensis praestetur fidelis turba luminibus, ne nuptialis habitaculi respuat habere consortes, quos sub veterum umbraculo peccatorum praevenerit dormientes. Quid dignius, quidve sublimius quam ut tibi vigilet, in spe aeternitatis, resuscitata mortalitas; cui totum ex origine, totum debet ex munere, vel quod formatur ex nicilo, vel quod reparatur ex perditio?⁵⁰

JOAQUIM O. BRAGANÇA

Réjouissons-nous en lui, comme il s'est réjoui en nous
et nous réjouit par sa glorieuse lumière.

J. MATEOS, *Lelya-Sapra. Essai d'interprétation des matines chaldéennes*, Roma 1959, p. 73.

O segundo, esta oração do invitatório nocturno do officio maronita:

Dispose-nous et prépare-nous par ta force, Seigneur Tout-Puissant, pour que nous allions avec nos oeuvres illuminées et exemptes de toute l'obscurité du péché, à la rencontre de ta seconde venue du ciel, portant des lampes allumées qui ne s'éteignent point, et habillés de beaux vêtements qui ne s'usent point, afin que, enlevés à ta rencontre avec tes élus, nous soyons ainsi en tout temps avec toi et nous te rendions gloire ...

J. TABET, *L'Eschatologie dans l'Office commun maronite*, «Parole de l'Orient», II (1971), p. 7.

⁴⁹ Bastaria um inquérito às bênçãos episcopais para nos mostrar o lugar proeminente que ocupa a Parábola das Virgens na espiritualidade hispânica desde as suas remotas origens.

⁵⁰ J. M. PINELL, *La benedició del ciri pasqual i els seus textos*, «Liturgica», 2, Montserrat 1958, p. 115.

O tema da parábola das Virgens aparece também no *Laus cerei* da liturgia de Milão. *Ibidem* p. 20.